

ASPECTOS DA RECEPÇÃO DE CLARICE LISPECTOR NA FRANÇA

Maria Marta Laus Pereira

Professora de Francês, UFSC

Comentários introdutórios

Os dados bibliográficos que fundamentam esta análise baseiam-se na pesquisa de Diane E. Marting¹. Pela qualidade e pela extensão, o trabalho merece elogios e o reconhecimento por parte daqueles que, como eu, podem agora utilizar-se desta rica fonte bibliográfica sobre a obra e a crítica de Clarice Lispector.

Além da bibliografia, fundamentam nossa análise algumas noções de base da Estética da Recepção. Em português, o termo “recepção” tem sentidos variados. Basicamente é usado para o ato ou efeito de receber, como receber uma carta, receber pessoas, receber convidados em casa. No caso da Estética da Recepção, o termo vem do alemão, onde possui uma conotação que não tem em português nem em francês: a de apropriar-se. Logo, a recepção proposta pela Escola de Constança, na Alemanha, nada tem de passiva, ao contrário, supõe um ato que deve ir até a aprovação, ou seja, é preciso que os leitores acolham as obras literárias, deixem-se tocar pelo prazer estético que elas proporcionam, emitam julgamentos a respeito.

Visando determinar as relações entre o texto e a leitura que se faz dele, a Estética da Recepção recorreu a vários conceitos da hermenêutica de Gadamer adequando-os aos estudos literários. Assim, incorporou a noção de “horizonte de expectativa” para indicar o sistema de normas e de atitudes que caracterizam o leitor e a obra num momento histórico preciso.

Analisando e comparando os horizontes de expectativa do público e da obra, o pesquisador identifica a “distância estética” entre um e outro. Segundo Hans-Robert Jauss² se esta distância é acentuada demais, a obra não é compreendida e corre o risco de ser rejeitada pelo leitor. Pode ainda ocorrer que a obra não seja aceita num determinado momento, mas venha a ser reabilitada mais tarde, porque a evolução das demais obras

instala um novo horizonte literário e permite que aquela, até então incompreendida, torne-se acessível.

Os fatores que condicionam ou intervêm no acesso do leitor ao texto são conhecidos como intermediários ou mediadores. Podem ser agentes (pessoas) ou suportes materiais. Entre eles, o crítico literário, os tradutores e as editoras são intermediários importantes.

Sabemos que o crítico literário é antes de tudo um leitor. Ele é um leitor real, histórico, porque deixa traços marcados de suas leituras. No entanto, a leitura crítica é apenas uma das muitas formas de se ler um texto, e pode variar de objetiva ou textual até impressionista, aquela que reflete sensivelmente o temperamento do crítico. Além disso, a leitura crítica é datada pois o crítico julga dentro de seu próprio sistema de valores.

Partindo destes princípios, fizemos um levantamento das traduções e da produção crítica francesa sobre a obra de Clarice Lispector com o objetivo de evidenciar os principais mediadores entre a obra clariceana e os leitores franceses e de apontar os períodos mais fecundos da produção crítica.

Os dados levantados

Consideramos como início da recepção de Clarice Lispector na França a data de publicação da primeira tradução de um texto seu naquele país. Partimos então de 1952, pois naquele ano o capítulo onze de *A Cidade sitiada*³ foi traduzido para o francês. Esta tradução é precedida de uma breve introdução de Paulo Mendes Campos⁴ apresentando a jovem Clarice Lispector para os leitores franceses. Não houve repercussão crítica que possa ser registrada.

Em 1954, saiu a tradução francesa de *Perto do coração selvagem*⁵. Esta foi a primeira tradução no mundo de uma obra completa de Clarice Lispector, mas que a própria autora considerou “escandalosamente ruim”. Apesar do seu interesse inaugural, a tradução de Denise-Teresa Moutonnier caiu num excessivo francesismo, a ponto de neutralizar o estilo e a sintaxe da autora. Embora Diane E. Marting não registre críticas francesas da época, ao saudar a segunda tradução da mesma obra, em 1981, Hubert JUIN⁶ afirma que, por ocasião da primeira aparição na França, mais de vinte anos antes, *Perto do coração selvagem* foi considerado “o livro feminino mais insuportável” jamais publicado.

De fato, o interesse dos franceses pela obra de Clarice Lispector não se faz presente nos anos que se seguem, até que em 1970 sai a tradução

francesa de *A Maçã no escuro*⁷, intitulada *Le Bâtitseur des ruines*. Também nesta obra, a tradutora Violante do Canto não resiste à tentação de purificar o estilo da autora. Ela tende a normalizar as surpreendentes construções de Clarice Lispector e algumas vezes tenta esclarecer e explicar o original por adições, cortes e substituições arbitrárias, como se percebe já na mudança do próprio título. A tradução é analisada incisivamente por um artigo de Álvaro Manuel MACHADO⁸ publicado no *Magazine Littéraire*, onde ele apresenta *A Maçã no escuro* como o mais complexo dos romances brasileiros contemporâneos. Pouco depois, outro artigo intitulado “La romancière du silence”⁹ é publicado no *Le Monde*.

O mesmo romance é assunto para duas críticas em 1978: um breve comentário publicado por Dominique AUTRAND, onde encontra-se citações entremeadas sobre Martim, culpa e mulheres; e uma análise de Brigitte LEGARSfazendo uma comparação entre o *nouveau roman* e *Le Bâtitseur des ruines*.

Tendo por base o mesmo romance, Hélène CIXOUS medita sobre presença e ausência numa elegia lírica em prosa publicada em *Études Littéraires*. A maçã que Clarice Lispector leva até ela na escuridão da noite é vista como uma metáfora para a afirmação da vida e da morte.

A Maçã no escuro foi ainda estudado em uma tese de “*nouveau régime*” orientada por Hélène CIXOUS, na universidade de Paris VIII. A tese defendida por Mara NEGRON-MARRERO sobre estudos femininos analisa a forma de como esse romance trata as questões das diferenças entre os sexos. A autora afirma que a feminilidade é o verdadeiro material com o qual é feito o texto de Clarice Lispector. Não um simples tema, mas também uma moralidade da escrita.

Porém, a obra de Clarice Lispector que teve maior repercussão crítica na França foi *A Paixão segundo G. H.*. Antes mesmo de ter sido traduzido para o francês, o romance foi tema de uma comunicação num seminário, em 1972, na Universidade de Poitiers. Maria Lúcia LEPECKI fez observações sobre a linguagem, o ato da comunicação e o silêncio em *A Paixão segundo G. H.*, comparando o romance com o trabalho de Vergílio Ferreira; ela analisou também a estrutura formal do romance, especialmente a função do narrador/protagonista e a questão do tempo e da memória.

Em 1977, o mesmo romance foi tema de um artigo de Bella JOZEF, onde são comparados elementos do fantástico em *A Paixão segundo G. H.* e as narrativas de Cortázar. Neste mesmo ano, a *Éditions des femmes* publica uma entrevista de Maryvonne Lapouge e Clélia PIZA com Clarice Lispector sob o título: *Brasileiras: voix, écrits du Brésil*. Esta entrevista sobre assuntos gerais, que teve lugar no apartamento de Clarice Lispector, foi traduzida em algumas partes, em outras, realizada em francês mesmo.

A morte da escritora, em dezembro de 1977, foi anunciada no jornal *Le Monde* sob o título “La romancière Clarice Lispector est morte”. Em fevereiro de 1978, um artigo de Clélia PIZA, breve e geral, menciona as traduções francesas de *A Paixão segundo G. H.*, *Água Viva* e *A Maçã no escuro* e na mesma revista, sai uma breve descrição da entrevista Brasileiras: voix, écrits du Brésil.

Somente em 1978, saiu a tradução de *A Paixão segundo G. H.* feita por Claude Farny¹⁰ e publicada pela Éditions des femmes. Foi a primeira de muitas obras de Clarice Lispector lançadas por esta editora, cujo nome passou a estar intimamente ligado ao da escritora brasileira na França. Contudo, a tradução de Farny foi mais uma tradução infiel, na medida em que aboliu a rudeza sintática e a cadência das frases da autora. O tradutor empregou um nível de linguagem altamente literário, com vocabulário e estruturas rebuscadas, contrariando a linguagem do original e o projeto da autora que queria livrar-se do esteticismo.

A tradução de Claude Farny encontrou imediata repercussão na mídia. A publicação feminista francesa *Des femmes en mouvement*, patrocinada por Maryvonne Lapouge, tratou de divulgar trechos da tradução¹¹, assim como o prefácio escrito por Clélia PIZA¹², um texto de Regina Helena Machado¹³, além de comentários críticos feitos por Viviane Forrester¹⁴ e Sylvie Durastanti¹⁵. O *Nouvel Observateur*¹⁶ publicou um anúncio publicitário intitulado “Des femmes éditent”. No *Matin de Paris* o livro de Clarice Lispector é apresentado por Conrad DETREZ¹⁷ como uma sismografia do que há de mais humano. No *Nouvelles Littéraires*, um artigo de Jean-Jacques LÉVÊQUE¹⁸, o nono de uma série semanal sobre ficção publicada na França no outono de 1978, trata o romance de Clarice Lispector junto com outros quatro romances que têm o amor como tema, entre eles *Le Cahier volé* de Régine Desforges. Para LÉVÊQUE, em *A Paixão segundo G. H.* as palavras não expressam, elas camuflam. Neste mesmo número de *Nouvelles Littéraires*, Gérard de CORTANZE¹⁹ considera que, no questionamento que G. H. faz sobre sua identidade, a personagem assemelha-se às rezadeiras de macumba, pois estas oram por coisas e não por elas mesmas, e nas orações chegam até os portões do inferno, da morte e do silêncio. A tradução francesa deste livro foi ainda assunto da publicação *Amérique Latine/Urgent*²⁰ no outono de 1978.

Em janeiro de 1979, a *Nouvelle Critique*²¹ apresenta uma resenha crítica de *La Passion selon G. H.* na qual Clarice Lispector é considerada uma mulher cuja escrita transcende constantemente sua individualidade. No mesmo mês, a *Quinzaine Littéraire*²² publica uma crítica sobre a tradução de Farny. Mas os maiores acontecimentos do ano para a crítica clariceana foram os ensaios de Hélène Cixous. O primeiro deles,

intitulado *Vive l'orange/ To Live the Orange*²³ é um texto bilingüe. Apropriando-se da prosa poética de Clarice Lispector, Cixous produziu sua própria meditação sobre como entender o ser feminino. O segundo ensaio foi publicado na *Poétique*²⁴. A repercussão deste texto pode ser avaliada até pelas traduções que recebeu. Foi traduzido para o português²⁵ por Pina Coco e publicado no número especial de *Tempo Brasileiro* sobre Clarice Lispector, e foi também traduzido para o inglês²⁶.

No seu estilo impressionista, a feminista francesa compara Clarice Lispector com Heidegger em três trabalhos: *A paixão segundo G. H.*, *Água viva* e *A imitação da rosa*. Segundo Cixous, os dois escritores introduzem o infinitamente pequeno no universal. Os textos de Clarice Lispector são analisados em termos do que é desprezivelmente pequeno e do prazer do saber. Escrever é viver e G. H. é Clarice Lispector ou vice-versa.

Ainda em 1979, Regina Helena de Oliveira Machado²⁷ traduz um conto tirado da segunda edição de *A Imitação da Rosa*. A estória é completa e literalmente traduzida. Em 1980, *L'Alphée: cahier de littérature* publica uma edição bilíngüe de outros contos de Clarice Lispector²⁸. Se em edições bilíngües a tradução costuma ser literal, nesta ela é inteiramente afetiva. A versão de Orfila segue a sintaxe da autora.

Num terceiro ensaio, intitulado "Poésie e(s)t Politique"²⁹, Cixous discute a necessidade para a mulher de escrever poesia/prosa poética e usa os textos de Clarice Lispector e Rilke para ilustrar seu ponto de vista.

Um texto de *Études Françaises* alerta para o papel desempenhado por Cixous na intermediação entre a obra de Clarice Lispector e os leitores. Para o crítico Jean LAROSE³⁰, o ensaio de Cixous sobre a romancista brasileira tende a ser uma única voz, não duas em diálogo. Também tratando da recepção de Clarice por Cixous, o *Contemporary Literature* publica um artigo intitulado "Hélène-Clarice: nouvelle voix"³¹, onde a Armbruster observa a importância e a atração que os trabalhos de Clarice tiveram sobre Cixous, especialmente *A Paixão segundo G. H.* e *Água Viva*. No entanto, segundo a crítica, estes textos expressam um misticismo que se opõe à real condição da mulher naquele momento.

Como se vê, Cixous tornou-se um intermediário importante na recepção de Clarice na França. Várias teses foram publicadas sob a sua orientação. Em 1986, Regina Helena de Oliveira Prado³², como vimos acima, uma das tradutoras de Clarice Lispector para o francês, defende sua tese de Doutorado de terceiro ciclo dedicada ao romance *A Paixão segundo G. H.* Na escritura de Clarice Lispector, Prado descobre a arte do fracasso e do malogro como um movimento livre, delicado e distraído na direção da obtenção da forma. A escritura é "distraída" para que o disforme e o incompreensível possam deixar ali o seu traço. Neste sentido, para ela, o

livro é a celebração e a participação no inesperado, nos mistérios insuspeitos, incompreensíveis, em três tipos de momentos especiais: o encontro, o fracasso e o abandono. Impossível não perceber nesta análise a presença de uma leitura “à la Cixous”.

Em 1982, em um número especial da revista *Europe* sobre a literatura brasileira, sai uma outra tradução do conto “Amour”³³. A tradução é precedida de uma apresentação da autora e de seu trabalho. Menos literal que a de Orfila, ela é mais estilizada, às vezes subjetiva e interpretativa. Este conto é assunto para um ensaio de Nadia SETTI³⁴ no número inaugural da revista *Fruits*. O tema tratado é a prova do fruto do paraíso, no qual a cena da epifania de Ana no jardim é motivo para múltiplas associações e comentários sobre a natureza do amor e sua intensa, completa e irredutível consumação pela vida.

Em 1982, Mirthis Moysés IZAAC³⁵ defendeu tese na seção de Estudos Romanos e Latino Americanos da Universidade Paul Valéry, de Montpellier, intitulada “La faim: un peu d’extérieur dans l’oeuvre de Clarice Lispector”. No mesmo ano, um artigo de Clélia PIZA³⁶ no *Magazine Littéraire* faz uma introdução a Clarice Lispector e seus nove romances até então traduzidos na França. Por outro lado, um artigo de Olga de SÁ³⁷ abrange vários aspectos da obra clariceana. Fragmentado mas denso, o texto trata da idéia do tempo em Clarice Lispector; como a recepção da obra foi afetada pelo gosto que o público tinha com o trabalho da escritora nos jornais; aponta *A Paixão segundo G. H.*, *A Maçã no escuro* e *Água Viva* como romances fonte, dos quais surgiram outros trabalhos e analisa os elementos de paródia em *Un apprentissage ou le livre des plaisirs* e *A Hora da estrela*.

Em 1983, foi defendida na Universidade de Provence uma tese de doutorado de terceiro ciclo tratando de dois autores que teriam abalado as estruturas textuais: o escritor algeriano Nabile Farès e a escritora brasileira Clarice Lispector, segundo o(a) autor(a) da tese Aminah Ranavalona HELMI³⁸. É interessante esclarecer que Helmi não lê português; para formular suas idéias para a tese leu as traduções francesas, *Vive l’Orange* de Cixous e baseou-se em conversas com Affonso Romano de Santana.

Em 1984, a Éditions des femmes grava em audiotape a tradução de Claude Farny, na voz de Anouk Aimée. A atriz francesa lê aproximadamente trinta páginas durante uma hora. A leitura é precedida por extratos de uma entrevista de Clarice Lispector para a TV Cultura de São Paulo, datada de 01 de fevereiro de 1977, dez meses antes de sua morte. Desconhecemos os meios de divulgação deste audiotape, mas considerando que foi gravado na voz de uma atriz popularmente conhecida, acreditamos que pode ter obtido certo alcance popular.

O quarto livro de Clarice Lispector a ser traduzido para o francês

foi *Água Viva*³⁹, em 1980, por Regina Helena de Oliveira Machado. Alguns anos antes, este romance fora analisado em uma tese de Doutorado de terceiro ciclo na Universidade de Paris III⁴⁰. A tradutora optou por manter o título em português, sendo que a edição bilíngüe, um precedente no campo das traduções de Clarice, facilita a comparação entre o texto francês e o português. Mais uma vez, Hubert JUI⁴¹ é dos primeiros a comentar uma tradução de Clarice Lispector. Ele faz uma breve resenha de *Água Viva*, onde descreve os livros recentes (*A Paixão segundo G. H.* e *Água Viva*) como meditações fragmentárias, com uma linguagem livre que revela as coisas com seu peso e seus detalhes. Apresenta ainda algumas informações biográficas sobre a autora.

Em 1982, saiu a segunda tradução de *Perto do coração selvagem*, também por Regina de Oliveira Machado⁴². Esta segunda tradução do primeiro romance de Clarice Lispector vai em outra direção. Ela demonstra uma excessiva fidelidade ao texto original, tanto mais que o francês não é a língua materna da tradutora. Assim, se essa versão respeita integralmente as imagens e a sintaxe pouco usual da autora, ela mostra também uma certa carência na compreensão da língua da tradução, com “calques”, erros gramaticais e dissonâncias. Hubert JUI⁴³ é o primeiro a saudar a “reedição”, que na verdade é uma outra tradução, desta vez bem fiel, de *Perto do coração selvagem*. Outro curto ensaio, este de Hector BIANCIOTTI⁴⁴, no *Nouvel Observateur*, apresenta Clarice Lispector como uma romancista não convencional, uma mística da linhagem dos escritores católicos espanhóis e italianos, considerando especialmente *Perto do coração selvagem* e *Água Viva*.

Ainda em 1982, a publicação *Bicéphale: Europe-Amérique Latine*, de Paris, publicou trechos sem títulos de *A Descoberta do mundo*⁴⁵.

Em 1984, outra tradução de Clarice Lispector peca pelo francesismo excessivo: a do romance *A Hora da estrela*⁴⁶. A tradutora Marguerite Wunschler tende constantemente a explicar o original pelo acréscimo de precisões onde o vago é necessário, acrescentando paráfrases e impondo uma ordem lógica ao pensamento da escritora. Assim, a sintaxe de Clarice Lispector foi amenizada e sua linguagem desnecessariamente enriquecida. Não há registro de reações críticas imediatas a esta tradução, mas dois anos depois a revista *Quadrant* publicou um artigo⁴⁷ enfocando o tema do desejo e as características sociológicas dos personagens deste romance.

Fugindo completamente à ordem cronológica de publicação no Brasil, em 1984, a Éditions des femmes publica *A Bela e a Fera*, coleção póstuma de oito contos, seguida de *A Via crucis do corpo*⁴⁸, em tradução de Claude Farny. Esta tradução é considerada etnocêntrica, sobretudo no que

se refere ao nível da escolha das palavras usadas para traduzir o léxico da autora, resultando numa transformação particularmente forte para o francês. Também a estrutura das frases e a característica da sintaxe de Clarice Lispector são constantemente modificadas, atenuando assim o efeito de estranheza que seus textos provocam nos leitores. Um dos contos de *A Via crucis do corpo*, intitulado em francês "L'homme qui fut son apparition", foi publicado separadamente em *Le Nouveau Commerce*⁴⁹.

A tradução destes textos foi saudada de imediato por duas críticas, uma no *Le Monde*⁵⁰ e outra no *Magazine Littéraire*⁵¹. Na primeira, BRAGANCE compara Clarice Lispector com Carson McCullers ou Jean Rhys. Num texto curto e poético, elogia o pungente humanismo de Clarice Lispector, revelador de sua emoção e lucidez, amenizada pela compaixão pela raça humana. A outra crítica, breve e positiva, enfatiza o sentido da mortalidade e da docilidade que se encontra nas personagens de *A Bela e a Fera* e *A Via crucis do corpo*, e compara estes trabalhos com as pinturas de Edvard Munch.

No ano seguinte, a Éditions des femmes lança no mercado editorial francês mais um livro de Clarice Lispector: *Onde estivestes de noite?*⁵², traduzido por Geneviève Leibrich e Nicole Biros. Esta tradução de cerca de vinte textos de Clarice Lispector, ainda que aceitável, neutraliza certas figuras de sintaxe e modifica o fluxo das frases, impedindo que transpareça qualquer traço ou movimento da língua portuguesa.

Hubert JUIN⁵³, mais uma vez, é o primeiro a registrar o evento. Sem elogiá-las ou criticá-las, caracteriza as estórias de Clarice Lispector como urgência no escrever ou o escrever como um modo de existência. Segundo ele, elas mostram a vida como uma construção cheia de intervalos, uma sucessão de anotações. No *Magazine Littéraire*⁵⁴, uma crítica breve e positiva, considera que as estórias de *Onde estivestes de noite?* tratam de pessoas marginais, onde as ações e os fatos são suprimidos e as sensações privilegiadas.

Em 1989, quase trinta anos após sua publicação no Brasil, sai a tradução de *Laços de família*⁵⁵ para o francês. Os tradutores, Jacques Thiériot e Teresa Thiériot, optam por total fidelidade ao texto original. Não há tendência em esclarecer ou ordenar a escrita, forma e conteúdo são respeitados. A tradução é logo seguida de duas críticas: uma resenha de BRAGANCE⁵⁶ no *Le Monde* e a tradução para o francês de um ensaio de Daphne PATAI⁵⁷ no número especial de *Études Françaises*. Para BRAGANCE, as criaturas de Clarice Lispector são como mulheres cativas em um universo de desespero secreto e silêncio; com ternura e piedade, ela chega ao centro das coisas, mostrando um talento especial para encontrar as palavras exatas. Por seu lado, PATAI critica a estória como um estudo da

alienação da mulher urbana, semelhante à experiência da própria autora projetada sobre outras pessoas e acusa Clarice de começar a desconstruir estereótipos com a intenção de retroceder, voltar ao mito do “bom selvagem”.

O ano de 1989 foi particularmente fecundo para a recepção de Clarice Lispector na França. Além da tradução do romance, dois ensaios poéticos de Hélène Cixous são publicados pela Éditions des femmes e - provavelmente o acontecimento mais importante - sai um número especial de *Études Françaises* dedicado a Clarice Lispector.

Um dos ensaios de CIXOUS⁵⁸ trata dos últimos livros da escritora brasileira, fazendo paralelo entre a “libidinal economy” de Clarice e outros escritores, como Kafka e Rossini. O outro ensaio⁵⁹, fazendo parte da mesma publicação, é uma tentativa da autora francesa de captar, numa prosa sensível e lírica, o estilo de Clarice Lispector na sua descoberta de ser através da linguagem.

O número especial da revista francesa reúne críticos de várias nacionalidades. Entre eles, alguns professores e críticos brasileiros, renomados conhecedores da obra clariceana, como Leyla PERRONE-MOISÉS e Nádia Batella GOTLIB. A introdução da publicação, assinada por Maria do Carmo CAMPOS e Michel PETERSON⁶⁰, oferece um apanhado biográfico e uma discussão sobre vários trabalhos de Clarice Lispector, especialmente sobre os assuntos que serão analisados em seguida nos demais estudos.

O ensaio de Leyla PERRONE-MOISÉS⁶¹ é uma leitura perceptiva e bem desenvolvida do conto “A Mensagem”. O texto de Clarice Lispector é analisado em suas propriedades de conto fantástico em paralelo com textos de Lovecraft e Poe, especialmente no que se refere à atmosfera descrita.

Nádia Batella GOTLIB⁶² publica em versão francesa uma conferência apresentada em julho de 1985, em Belo Horizonte, no 38º Encontro Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Segundo o texto, o assunto do romance *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres* é duplo: uma estória de amor e uma estória da linguagem. Inextricavelmente interligadas, as duas estórias jogam uma com a outra, cancelando-se, contradizendo-se e revisando uma à outra, até que o jogo dos sentidos torna-se a aprendizagem que o leitor tem do sentido das coisas.

Em *Études Françaises*, dois ensaios são análises decorrentes de *A Paixão segundo G. H.*: o de Catherine MAVRIKAKIS⁶³ e o de Michel PETERSON⁶⁴. A primeira análise apresenta o quarto da empregada como o espaço doméstico que G. H. inventou para o Outro, mas é ali que as oposições não mais existem e a lei governa. Então G. H. torna-se uma empregada, limpando, colocando ordem, sozinha no espaço sagrado. O segundo ensaio trata sobre o papel da barata em *A Paixão segundo G. H.* e “A quinta história”.

O autor vê o inseto como o “fulcrum”, o sustentáculo para a estruturação da experiência, um ser de vida pré-organizada servindo de metáfora e sinedoque para o inferno.

Este número especial traz ainda uma bibliografia⁶⁵ das obras de Clarice Lispector, única por apresentar a lista de traduções dos textos e entrevistas para o francês, mas fornecendo também a relação das primeiras edições em português e dos artigos para revistas e jornais.

Neste mesmo ano, num longo artigo biográfico e introdutório, enviado do Brasil para ser publicado no *Libération*, Lindon⁶⁶ critica o fato de que, ainda em 1989, Clarice Lispector seja pouco lida na França. Segundo ele, isto se deve ao fato de ter sido publicada pela Éditions des femmes, uma editora feminista, que faz com que Clarice Lispector seja vista como uma feminista, o que ela não era.

Em 1990, outra vez sob os auspícios de Éditions des femmes, uma das mais antigas obras de Clarice Lispector recebe tradução para o francês. Trata-se de *O Lustre*⁶⁷. Assim como na tradução que fizeram anteriormente, Jacques e Teresa Thiériot conseguiram realizar uma versão bem equilibrada entre o texto original e o espírito do idioma francês. Mas, apesar da evidente qualidade da tradução, a rispidez do estilo de Clarice Lispector sempre oferece alguma resistência a seus tradutores. Uma resenha crítica da obra é publicada na *Art Press* por Marie-Pierre GUEUTIER⁶⁸. Segundo o texto, começando como um romance de Faulkner, o livro encanta porque contém poesia e filosofia, tendo a autora méritos para tornar-se tão conhecida quanto Virginia Woolf ou Ingeberg Bachmann.

Também em 1990, saiu a tradução de *A Mulher que matou os peixes*⁶⁹, a única dos livros de Clarice Lispector para crianças até agora disponível em francês. *O Mistério do coelho pensante* foi traduzido para o espanhol e os demais (*A Vida íntima de Laura*, *Quase de Verdade* e *Como nasceram as estrelas: doze lendas brasileiras*) não foram traduzidos até o momento. A tradução do título em francês: *La Femme qui tuait les poissons* foi um lapso lamentável das tradutoras. Ele deveria ser *La Femme qui a tué les poissons*, pois este sentido é essencial para a estória desde o início. O incidente ocorreu uma única vez na vida de uma mãe dominada pela culpa, não foi a primeira vez de uma assassina que persevera no crime. Mas no seu aspecto geral, a tradução é desprezenciosa e precisa. Ela é seguida de trechos de uma entrevista com a autora, datada de 20 de outubro de 1976 e de um posfácio intitulado “La femme qui invite au vrai”, no qual Rosset acentua a implacável perseguição de Clarice Lispector à verdade, mesmo nos livros dirigidos às crianças.

A tradução foi recebida com uma crítica bem positiva de Nicole ZAND⁷⁰ no *Le Monde*. Segundo o artigo, a confissão, o monólogo e o apelo

ao respeito à natureza são partes deste livro breve e adorável que pode ser lido com prazer por crianças e adultos.

Em abril de 1991, o Teatro Gérard Philippe, em Saint-Denis, apresenta a peça intitulada “La passion selon Lispector”. Baseada no romance *A Paixão segundo G. H.*, adaptado para o teatro por Alain Neddard, a peça tem a interpretação de Nelly Borgeaud. Segundo uma crítica do *Libération*⁷¹, o desempenho de Borgeaud é um misto de repressão e intensidade, tudo contribuindo para ser um hino solene à loucura de Lispector.

Neste mesmo ano, a Éditions des femmes lança a tradução de *A Cidade sitiada*⁷², mais uma vez por Jacques e Teresa Thiériot. O terceiro romance de Clarice Lispector, considerado por ela mesma como denso e opaco, teve uma boa versão para o francês.

O último livro de Clarice Lispector traduzido na França até o momento foi seu sexto romance, *Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*⁷³, em 1992. Os tradutores foram os mesmos do livro anteriormente traduzido e, como a anterior, esta foi uma excelente versão para o francês. A fluência do português e o ritmo das sentenças de Clarice Lispector transparecem com naturalidade na tradução, provavelmente a melhor versão em francês até agora.

Os demais livros de Clarice Lispector ainda não foram traduzidos na França. *Felicidade clandestina*, de 1971, foi traduzido e comentado no Canadá; *A Imitação da rosa*, de 1973, teve tradução em alemão; *Um sopro de vida: pulsações*, de 1978, e *Visão do esplendor*, de 1975, não tiveram repercussão crítica na França.

No que se refere à divulgação do nome da escritora brasileira, a *Enciclopédia Universalis* 1992 apresenta um comentário biográfico no volume anual dos acontecimentos do ano, na seção “Vies et Portraits”⁷⁴. Também no livro *La Littérature brésilienne*, da conhecida coleção *Que sais-je?*, o nome de Clarice Lispector é apreciado de forma bastante positiva. A autora, Luciana Stegagno PICCHIO⁷⁵, considera o trabalho de Clarice como “o grau zero da escritura a serviço da análise psicológica que transcende a realidade nacional”.

Comentários finais

Percebe-se de imediato que, entre as primeiras traduções, datadas de 1952 e 1954, até a tradução de *A Maçã no escuro*, em 1970, nenhum interesse crítico foi registrado. Em 1972, uma comunicação, apresentada num seminário na Universidade de Poitiers analisava aspectos de *A Paixão segundo G. H.*. É preciso contudo observar que a comunicação

foi feita por uma brasileira, provavelmente em viagem de estudos pela França.

Na verdade, a obra de Clarice Lispector só começou a despertar o interesse de leitores franceses após a morte da escritora. O ano de 1977 marca o início de um movimento que se intensifica em 1978 e se mantém estável até 1989, quando decresce abruptamente.

Quais os mediadores responsáveis pela descoberta póstuma da escritora brasileira pelos franceses? Três elementos destacam-se no contexto desta recepção: a Éditions des femmes, editora francesa que empreendeu a tradução da obra a partir de 1978 e publicou alguns ensaios críticos sobre a mesma; a revista *Des femmes en mouvement* que, sob a influência de Maryvonne Lapouge et Clélia Piza, destacou-se na divulgação da tradução e de ensaios críticos; e, sem dúvida, muito contribuiu a intermediação de Hélène Cixous, escrevendo ensaios, orientando teses, participando de seminários.

A tradução de *A Paixão segundo G. H.*, em 1978, foi o grande impulso inicial de todo o processo. Hélène Cixous, assim como Maryvonne Lapouge e Clélia PIZA, engajadas no movimento feminista, trataram de divulgar a obra.

É interessante observar que a própria Clélia PIZA, em depoimento na revista *Travessia*⁷⁶, declara-se “uma espécie de mediador” de Clarice na França. Ela explica que, em 1975, a editora que havia comprado os direitos de traduzir *A Paixão segundo G. H.* e que resolvera editar também outros textos de Clarice Lispector foi forçada a desistir do projeto por causa do aumento inesperado no preço do papel. Durante a entrevista que Piza e Lapouge fizeram no apartamento da escritora no Brasil, Clarice Lispector lhes pediu para intervir junto à editora francesa. É o que faz Piza ao retornar a Paris, mas sem obter sucesso. Então, com o manuscrito da tradução em mãos, ela recorreu à Éditions des femmes, que estava em vias de publicar seu livro de entrevistas com mulheres brasileiras tratando da condição feminina no país. A editora aceitou, mas a publicação safu quando Clarice não podia mais vê-la.

Segundo Clélia Piza, o que veio depois da publicação de *A Paixão segundo G. H.* deve-se a diferentes fatores, inclusive à forma de pensar da época, que colocava a mulher no centro dos acontecimentos. No entanto, se o movimento feminista em grande moda facilitou a recepção da obra clariceana na França, mesmo depois que ele deixou de ocupar o lugar preponderante que tivera nos anos setenta, a obra continuou a interessar bom número de leitores. Assim, em final dos anos oitenta, Clarice Lispector era conhecida por ela mesma, sem que sua obra estivesse forçosamente ligada à literatura latino-americana, fenômeno raro se considerarmos outros escritores brasileiros, mesmo os consagrados. Piza atribue tal fato à importante

mediação de Cixous que, como professora universitária, multiplicou seminários e estudos, influenciando inclusive na qualidade das traduções.

Num de seus textos sobre o ato de escrever e a solidão que ele implica, Clarice Lispector pede de volta “uma atenção e um interesse” por parte de seu leitor. Clarice teve muito mais que isto, ela teve a “Extrême Fidélité”, como muito bem mostra o título do artigo de Cixous na revista *Travessia*⁷⁷. Considerando a leitura da obra feita pela própria Cixous, Clarice Lispector teve o que poucos escritores têm de maneira tão absoluta. Aliás, a própria Cixous tem consciência disto quando afirma:

“Il y a quelques années quand on a commencé à la diffuser, je me suis dit: je ne vais plus faire de séminaire, il n’y a plus qu’à la lire, tout est dit, c’est parfait.”⁷⁸

Mas, visto que as coisas não se passaram assim tão simplesmente, que há leitores com diferentes horizontes de expectativa e consequentemente outras leituras, Cixous persiste na sua missão de difundir e transcrever Clarice a seu modo. Como fiel discípula, orienta teses, publica ensaios:

“Je continue à l’accompagner d’une lecture qui veille.”⁷⁹

No entanto, se podemos considerá-la como a mais importante intermediária de Clarice Lispector em língua francesa, é preciso acrescentar que Cixous deu à Lispector uma imagem filtrada, selecionada pelo seu temperamento e seu próprio sistema de valores. Já em 1983, um texto de Carol Armbruster opõe-se à caracterização de Clarice Lispector como feminista, pois vê na obra da romancista brasileira um misticismo que nada tem com a condição das mulheres naquele momento. Mais tarde, em 1989, também Mathieu Lindon critica a “apropriação” indevida, segundo ele, da obra de Clarice pelas feministas francesas, apontando o fato como a principal causa da obra ser pouco lida na França fora do círculo feminista.

Assim, se não há dúvidas quanto à importância do papel desempenhado pela Éditions des femmes, pela revista *Des femmes en mouvement*, por Maryvonne Lapouge, Clélia Piza e Hélène Cixous na divulgação da obra clariceana, há também consequências nem sempre positivas nesta divulgação “engajada”. A partir de então, toda a obra ficou de certa forma vinculada a um movimento específico: o feminismo, sem que merecesse, por ela mesma, ser caracterizada como “feminista”.

O período áureo da recepção inicia-se em 77 e tem seu ponto alto em 1989 com a publicação de dois importantes ensaios de Cixous pela

Éditions des femmes, sob o título geral de *L'heure de Clarice Lispector*, e com o número 25 de *Études Françaises*. A partir de então, a produção crítica torna-se insignificante, apesar da edição de mais cinco livros em tradução francesa. Estes últimos, traduzidos por Jacques e Teresa Thiériot, tiveram uma sorte diferente dos demais, pois encontraram tradutores que, mesmo optando por total fidelidade ao texto original, conseguiram o difícil equilíbrio de manter o estilo de Clarice dentro do idioma francês. Mais uma vez, a "extrême fidélité" que poucos autores alcançam.

As traduções realizadas de 1990 a 1992 receberam as melhores críticas no livro de Diane E. Marting, mas não tiveram repercussão nos meios de comunicação até então sensíveis, como o jornal *Le Monde*, o semanário *Nouvel Observateur* ou a revista *Magazine Littéraire*. Nestes últimos anos a única crítica registrada ocorreu no jornal *Libération*, comentando a adaptação de *A Paixão segundo G. H.* para o teatro.

Naturalmente, vários fatores externos à obra, entre eles o direcionamento dado ao movimento feminista nos últimos anos, podem ter influenciado o aparente desinteresse que se constata na crítica francesa a partir de 1989. Uma pesquisa neste sentido tanto contribuiria para um melhor conhecimento do contexto literário atual como daria novas luzes à compreensão da obra propriamente dita. Fica a sugestão.

NOTAS

1. MARTING, Diane E. (editora). *Clarice Lispector. A Bio-Bibliography*. London: Greenwood Press, 1993, 327 pp.
2. JAUSS, Hans-Robert. *Pour une esthétique de la réception*. Paris: Gallimard, 1978. 305 pp.
3. LISPECTOR, Clarice. "Pensée dans le train". Tr. por Beata Vettori. Pref. de Paulo Mendes Campos. *Roman* 8 (Jul. 1952): 579-587.
4. CAMPOS, Paulo Mendes. "Clarice Lispector". *Roman* 8 [Paris] Jul. 1952: 577-578.
5. LISPECTOR, Clarice. *Près du coeur sauvage*. Tr. Denise-Teresa Moutonnier. Pref. Paulo Mendes Campos. Paris: Plon, 1954, 253 pp. Coleção Roman.
6. JUN, Hubert. "L'oeuvre déroutante de Clarice Lispector. Abandonnée près du coeur sauvage de la vie." *Monde* 6 (Ago. 1982): 16/ Repetido em *Monde Hebdomadaire* [Paris] 5 (11 Out. 1982): 10.
7. LISPECTOR, Clarice. *Le Bâtitteur des ruines*. Tr. Violante do Canto. Paris: Gallimard, 1970, 327 pp. Séries du monde entier.
8. MACHADO, Álvaro Manuel. "Clarice Lispector et l'invention du langage". *Magazine Littéraire* 41 (Jun. 1970): 38.
9. F. C. "La romancière du silence". *Le Monde* 19 Set. 1970.
10. LISPECTOR, Clarice. *La Passion selon G. H.* Tr. Claude Farny. Pref. Clélia PIZA. Paris: Éditions des femmes, 1978, 199 pp.
11. LISPECTOR, Clarice. "Clarice Lispector... une femme qui vient faire son séjour en moi." Trechos da tradução por Claude Farny. *Des femmes en mouvement* 10 (Out.

- 1978):73-75, 77.
- 12.PIZA, Clélia. "Les mots du regard". *Des femmes en mouvement* 10 (Out. 1978): 76.
- 13.MACHADO, Regina. "Aller doucement en quête de la femme inconnue en moi". *Des femmes en mouvement* 10 (Out. 1978): 77.
- 14.FORRESTER, Viviane. [comentário crítico]. *Des femmes en mouvement* 10 (Out. 1978): 78-79.
- 15.DURASTANTI, Sylvie. "Car naître c'est si rare, si peu immédiat". *Des femmes en mouvement* 10 (Out. 1978): 78-79.
- 16.LES FEMMES ÉDITENT. *Nouvel Observateur* 729 (30 out/5nov. 1978): 28.
- 17.DETREZ, Conrad. "Le monde de littérature étrangère. Brésil: *La Passion selon G. H.* de Clarice Lispector. La vie tremblée." *Matin de Paris* 510 (19 Out. 1978): 25.
- 18.LÉVÊQUE, Jean-Jacques. "Hebdomanésques, 9". *Nouvelles Littéraires* 56, 2659 (3-9 Nov. 1978): 6.
- 19.CORTANZE, Gérard de. [Crítica de *La Passion selon G. H.*]. *Nouvelles Littéraires* 56, 2659 (3-9 Nov. 1978): 24—25.
- 20.LA PASSION SELON G. H. *Amérique Latine/Urgent* Out. 1978.
- 21.RESENHA CRÍTICA DE LA PASSION SELON G. H. *Nouvelle Critique* 120 (Jan. 1979): 59.
- 22.HOWLET, Jacques. "Pour que l'horreur devienne lumière". *Quinzaine Littéraire* 293 (15 Jan. 1979): 11-12.
- 23.CIXOUS, Hélène. *Vive l'orange/ to Live the Orange*. Paris: Éditions des femmes, 1979. 116 pp.
- 24.CIXOUS, Hélène. "L'approche de Clarice Lispector: se laisser lire (par) Clarice Lispector - *A paixão segundo G.H.*" *Poétique* 40 (Nov. 1979): 408-419. Também publicado em *Entre l'écriture* por Cixous. Paris: Éditions des femmes, 1983.
- 25.CIXOUS, Hélène. "Aproximação de Clarice Lispector: deixar-se ler (por) Clarice Lispector". Tr. de Pina Coco. *Tempo Brasileiro* 104 (1991): 9-24.
- 26.CIXOUS, Hélène. "Clarice Lispector, *The Passion According to G. H.*" *Coming to writing and other essays*. Ed. Deborah Jenson. Introd. Susan Robin Suleiman. Tr. Sarah Cornell, Deborah Jenson, Ann Liddle, Susan Sellers. Cambridge MA: Harvard UP, 1991. 59-77.
- 27.LISPECTOR, Clarice. "La très-petite femme [sic] de la terre". Tr. por Regina Helena de Oliveira Machado. *Des femmes en mouvement* 7-8 (21 Dez. 1979).
- 28.LISPECTOR, Clarice. "Amour. Fleur, téléphone et jeune fille... et autres contes brésiliens". Édition bilingue. Tr. por Catherine Orfila. *L'Alphée: cahier de littérature* [Paris] 1 (1980): 114-161.
- 29.CIXOUS, Hélène. "Poésie e(s)t Politique". *Des femmes en mouvement* 4 (39 Nov.-7 Dez. 1979): 29-32./ [Tr. para o inglês] "Poetry is/and (the) Political". *Bread and Roses* 2 (1980): 16-18.
- 30.LAROSE, Jean. "Le temps d'une voix". *Études Françaises* 17, 3-4 (Out. 1981): 87-96.
- 31.ARMBRUSTER, Carol. "Hélène-Clarice: nouvelle voix." *Contemporary Literature* 24, 2 (1983): 145-157.
- 32.PRADO, Regina Helena [de Oliveira Machado]. *L'écriture distraite. Introduction au texte de Clarice Lispector*. Tese de Doutorado de terceiro ciclo, Universidade de Paris VIII (Saint-Denis), 1986. 352 pp.
- 33.LISPECTOR, Clarice. "Amour". Tr. por Michelle Bourjea. *Littérature du Brésil. Europe* 640-641 (Ago.-Set. 1982): 87-95.
- 34.SETTI, Nadia. "Génèse de la faim". *Fruits* [Paris] 1 (Dez. 1983): 32-46.
- 35.IZAAC, Mirthis Moysés. "La faim: un peu d'extérieur dans l'oeuvre de Clarice Lispector". Tese, Seção de Estudos Romanos e Latino Americanos, Universidade Paul

Valéry, Montpellier, 1982.

36. PIZA, Clélia. "La passion selon Lispector". *Magazine Littéraire* 178 (Set. 1982): 51-52.

37. SÁ, Olga de. "Instants: Notes sur l'oeuvre de Clarice Lispector". *Europe* 60, 640-641 (Ago.-Set. 1982): 96-106.

38. HELMI, Aminah Ranavalona. "Pour une critique de l'ébranlement des textes: une seconde lecture de *La découverte du nouveau monde* de Nabile Farès e de *La Passion selon G. H. de Clarice Lispector*." Tese de Doutorado de terceiro ciclo. Universidade de Provence (Aix-Marseille I), Centre d'Aix, 1983. Vol. II: *Le retour à l'oral*, p. 238-571.

39. LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Tr. de Regina Helena de Oliveira Machado. Paris: Éditions des femmes, 1980. 259 pp.

40. BITTENCOURT, Ivaldo Santos. "Analyse de la production textuelle d'après certaines notions sémiologiques et psycho-phénoménologiques (suivi de l'analyse du texte *Água Viva*, de Clarice Lispector)". Tese de Doutorado de terceiro ciclo, Universidade de Paris III, 1977. 187 pp.

41. JUIN, Hubert. "Clarice Lispector et le coeur des choses." *Le Monde* [Paris] 20 Fev. 1981: 21.

42. LISPECTOR, Clarice. *Près du coeur sauvage*. Tr. de Regina Helena de Oliveira Machado. Paris: Éditions des femmes, 1981-1982. 297 pp.

43. JUIN, *op. cit.*, 1982.

44. BIANCIOTTI, Hector. "Sainte Clarice D'Avila: des livres écrits pour des personnes à l'âme formée". *Nouvel Observateur* [Paris] 935 (09 Out. 1982): 55. / Tr. para o português por Ângela Senra. "Santa Teresa de Ávila". *MGLS* 22, 1091 (19 Dez. 1987): 14

45. LISPECTOR, Clarice. "A Descoberta do mundo" [trechos escolhidos]. Tr. de Maryvonne Lapouge. *Bicéphale: Europe-Amérique Latine* [Paris] 7/8 (Verão de 1982): 180.

46. LISPECTOR, Clarice. *L'Heure de l'étoile*. Tr. por Marguerite Wunsch. Ed. Sylvie Durastanti. Paris: Éditions des femmes, 1984. 109 pp.

47. IZAAC, Mirthis Moysés. "A hora da estrela de Clarice Lispector: une des possibles 'lectures' de ce roman." *Quadrant* [Universidade Paul Valéry - Montpellier III] 1986: 78-93.

48. LISPECTOR, Clarice. *La Belle et la Bête, suivi de Passion des corps*. Tr. por Claude Farny. Ed. Sylvie Durastanti. Paris: Éditions des femmes, 1984. 197 pp.

49. LISPECTOR, Clarice. "L'homme qui fut son apparition". Tr. por Claude Farny. Ed. por Sylvie Durastanti. *Le Nouveau Commerce* 59-60 (Outono 1984): 77-83. / Repetido em *Passion des corps*. Paris: Éditions des femmes, 1984, 213-222.

50. BRAGANCE, Anne. "Un soir d'été avec Clarice Lispector". *Le Monde* 10 Ago. 1984.

51. RAUDA, Jamis. "Le secret de l'existence: la souffrance". *Magazine Littéraire* 211 (Out. 1984).

52. LISPECTOR, Clarice. *Où étais-tu pendant la nuit? nouvelles*. Tr. por Geneviève Leibrich e Nicole Biros. Paris: Éditions des femmes, 1985. 168 pp.

53. JUIN, Hubert. "Clarice Lispector et la vie nue". *Le Monde* 10 Jan. 1986.

54. C. G. [Gérard de Cortanze?] "Jouir de tout". *Magazine Littéraire* 229 (Abr. 1986): 78.

55. LISPECTOR, Clarice. *Liens de famille*. Tr. por Jacques Thiériot e Teresa Thiériot. Paris: Éditions des femmes, 1989. 214 pp.

56. BRAGANCE, Anne. "La miséricorde de Clarice Lispector". *Le Monde* 15 Out. 1989.

- 57.PATAI, Daphne. "L'essentialisme de Clarice Lispector". *Études Françaises* 25, 1 (1989): 51-68.
- 58.CIXOUS, Hélène. "L'auteur en vérité." *L'Heure de Clarice Lispector*. Paris: Éditions des femmes, 1989.
- 59.CIXOUS, Hélène. "A la lumière d'une pomme". *L'heure de Clarice Lispector*. Paris: Éditions des femmes, 1989, 117-120.
- 60.AMPOS, M. do C., PETERSON, Michel. "Le souffle du sens: présentation". *Clarice Lispector: le souffle du sens. Études Françaises* 25, 1 (1989): 5-11.
- 61.PERRONE-MOISÉS, Leyla. "Devant la maison de Clarice". *Clarice Lispector: Le souffle du sens. Études Françaises* 25, 1 (1989): 12-28
- 62.GOTLIB, Nádia Batella. "Un apprentissage des sens". Tr. para o francês por Consuelo Forte Santiago, revisado por Nicolas Tabiteau. *Clarice Lispector: Le souffle du sens. Études Françaises* 25, 1 (1989): 69-80.
- 63.MAVRIKAKIS, Catherine. "Femmes de chambre: du lieu de la bonne dans *La Passion selon G. H.*" *Clarice Lispector: Le souffle du sens. Études Françaises* 25, 1 (1989): 29-37.
- 64.PETERSON, Michel. "Les cafards de Clarice Lispector". *Clarice Lispector: Le souffle du sens. Études Françaises* 25, 1 (1989): 39-50.
- 65.BIBLIOGRAPHIE DES OEUVRES DE CLARICE LISPECTOR. *Clarice Lispector: le souffle du sens. Études Françaises* 25, 1 (2o trimestre 1989): 81-86.
- 66.LINDON, Mathieu. "Clarice Lispector: mission secrète". *Libération* [Paris] 3 Ago. 1989: 21-22.
- 67.LISPECTOR, Clarice. *Le Lustre*. Tr. Jacques Thiériot e Teresa Thiériot. Paris: Éditions des femmes, 1990. 370 pp.
- 68.GUEUTIER, Marie-Pierre. [resenha crítica de *Le Lustre*]. *Art Press* [Paris] 151 (Out. 1990): 64.
- 69.LISPECTOR, Clarice. *La femme qui tuait les poissons*. Tr. Séverine Rosset e Lúcia Cherem. Capa ilustrada por Patrícia Reznikov. Paris: Ramsay/ de Cortanze, 1990. 107 pp.
- 70.ZAND, Nicole. "L'envie de tuer". *Le Monde* 25 Maio 1990: 14.
- 71.BARDONNIE, Mathilde La. "La passion selon Lispector". *Libération* [Paris] 16 Abril 1991.
- 72.LISPECTOR, Clarice. *La ville assiegée*. Tr. Jacques Thiériot e Teresa Thiériot. Paris: Éditions des femmes, 1991. 281 pp.
- 73.LISPECTOR, Clarice. *Un apprentissage ou le livre des plaisirs*. Tr. Jacques Thiériot e Teresa Thiériot. Paris: Éditions des femmes, 1992. 190 pp.
- 74.L., M. [Lapouge, Marivonne]. "Clarice Lispector 1925-1977". *Enciclopédia Universalis* 1992. Paris: Enciclopédia Universalis, 1992. 606-607.
- 75.PICCHIO, Luciana Stegagno. "Clarice Lispector". *La Letteratura brasiliana*. Milano: Sansoni academia, 1972. 610-612. Tr. Luc-François Granier. Paris: Presses Universitaires de France, 1981. 105-106. Que sais-je?
- 76.PIZA, Clélia. "Depoimento". *Travessia* 14 [Florianópolis] (Primeiro semestre 1987): 174-177.
- 77.CIXOUS, Hélène. "Extrême Fidélité". *Travessia* 14 [Florianópolis] (Primeiro semestre 1987): 11-45.
- 78.Ibidem, p. 26.
- 79.Ibidem, p. 26.